

entretomas
contos

 **fis** formação integrada
para a sustentabilidade





introdução

A Formação Integrada para a Sustentabilidade (FIS) é uma disciplina eletiva oferecida pela FGV desde 2010, disponível para diversos cursos de graduação a partir do quinto semestre. A disciplina tem como objetivo proporcionar uma visão ampla e integrada da sustentabilidade, abordando desafios e projetos relacionados ao tema.

Em cada edição da disciplina, os alunos são confrontados com um desafio específico e pré-definido, conhecido como Projeto Referência. No primeiro semestre de 2023, o FIS inaugurou sua 26ª edição.

Desta forma, o FIS 26, teve como desafio *a criação de uma cartografia afetiva que ilustrasse como os manguezais contribuem para a sustentação das vidas no planeta.*

Com isso, sabe-se que os manguezais são ecossistemas complexos e fascinantes, repletos de benefícios para o meio ambiente e para a sociedade. Eles desempenham um papel fundamental, atuando como barreiras naturais contra a erosão costeira, além de servirem como berçários para diversas espécies marinhas e desempenharem um papel crucial na regulação climática.

O desafio proposto pelo FIS 26 buscou destacar a importância e a singularidade dos manguezais. Através da criação de uma cartografia afetiva, o grupo explorou as relações entre a sociedade e a natureza, mostrando aspectos invisíveis desse ecossistema peculiar.

Assim, nesse documento, encontra-se uma das entregas principais desse desafio: o livro de contos dos manguezais. Neste documento, descobre-se aprendizados e reflexões retiradas do ecossistema estudado - sobretudo, sobre como as formas humanas de se organizar podem se inspirar nas formas humanas de se organizar dos manguezais.

Todos os contos criados foram inspirados nas vivências que o grupo do FIS 26 experienciou ao longo dos 5 meses de construção do desafio.

Portanto, este livro conta as seguintes histórias:

(i) Somos manguezais?

(ii) Ciclo infinito de vida.

(iii) Alguém manda aqui?

(iv) O terceiro incluído.

(v) O altruísta.

(vi) A pulsação.

(vii) Rotina e não rotina.

(viii) Conservar ou preservar?

(ix) Nossa cartografia (parte 1 e parte 2).



desfrute
e se entregue.



SOMOS MANGUEZAIS?

Um grupo de jovens visitava, pela primeira vez, um manguezal localizado no Vale do Ribeira. Após uma hora de passeio, uma figura feminina ilustre, misteriosa e dotada de sabedoria apareceu em seus caminhos.

Os jovens curiosos e exaltados pela figura pitoresca que se assemelhava a cores e texturas do mangue - quase como uma mulher mangue - começaram, em uma confusão de vozes, a questionar sobre quem era aquela pessoa e os motivos pelos quais estava ali.

Mesmo com as confusões de vozes, ela ficou ali: quieta, observadora e se mostrando presente sem ao menos projetar uma palavra.

Diante daquela postura, os jovens começaram a se acalmar e a entender aos poucos a preciosidade e o poder do silêncio e da presença. Foi, neste instante, que a figura misteriosa vociferou suas primeiras palavras: *"observem, sintam, escutem e apreciem a mágica que está em volta de vocês"*.

Depois de algum tempo, com os jovens imersos naquele ambiente, a figura fez um convite ao grupo: *"vocês querem que eu mostre como nós somos parecidos?"*.

Um dos jovens respondeu: *"como alguém tão diferente e quase não humana, pode se parecer como nós?"*

Como resposta, a mestre mangue apenas fez um pedido: *"deem as mãos"*.

O grupo, confuso, começou a se movimentar para criar uma grande roda com todos de mãos dadas.

Foi aí que a figura começou a explicar: *"vocês percebem que quando vocês dão as mãos, vocês se tornam, também, um pouco manguezal?"*

Ela continuou: *"o mangue só é mangue e sustenta tantas vidas porque ele é relação. E essa relação cria um ecossistema interdependente e potente capaz de gerar vidas, transformar realidades e permanecer em um ambiente tão extremo como esse"*.

Um outro jovem ainda confuso pergunta: *"então...isso quer dizer que somos manguezais só quando damos as mãos?"*.

A mestre riu e, então, respondeu: *"vocês são sempre manguezais porque vocês são sempre relações. O mangue não sobrevive e não gera seu impacto, se não mantém relação com a maré, o caranguejo, a lua e os outros muitos seres que vivem aqui. Assim, o planeta só vai ser ele em sua essência, se aprendermos que somos relações e dependemos dos outros para gerar impacto ou não"*.

Um dos jovens sabiamente comentou: *"isso significa que não estamos sozinhos no mundo, né?"*. Um outro jovem ainda completou: *"ah, implica também que para realizar qualquer coisa, precisamos dos outros, né? Seja uma coisa ruim ou boa"*.

A mulher mangue quase desaparecendo das suas vistas complementa em uma voz tranquila e suave: *"sim, não somos nada sem os outros. Precisamos dos outros para sobreviver, ser feliz, mudar a realidade e ser parte da solução"*.

Após o seu desaparecimento, os jovens ficaram em silêncio, refletindo sobre tudo que aprenderam naquele momento. Indo embora, um dos jovens exclama: *"é... talvez sejamos manguezais e isso me ensina muito sobre as minhas formas de viver no mundo"*.



ciclo infinito de vida

Em uma pequena comunidade localizada em Bertioga e à beira de um exuberante manguezal, os moradores viviam em função deste ecossistema que é teia de vida intrincada e um santuário para inúmeras espécies.

Entretanto, um mistério conectado ao manguezal se escondia ali: a espiral.

Uma jovem chamada Vitória, curiosa e sedenta por conhecimento, escutou sobre a conexão entre o ecossistema e a espiral, e decidiu explorar essa ligação, embarcando em uma jornada pelo coração do manguezal.

Desbravando o ecossistema, Vitória mergulhou na encantadora natureza e nos inúmeros labirintos que as raízes formavam ao se comportarem como braços protetores.

Nesta caminhada, ela observou que a vida ao seu redor era repleta de formas espirais. Conchas, galhos, folhas, animais e uma série de elementos. Com isso, Vitória percebeu que a espiral se mostrava como um símbolo de movimento contínuo, expansão e crescimento.

No meio do seu percurso, Vitória encontra um velho ancião sentado em uma das raízes do mangue vermelho. Ele era reconhecido pela pequena comunidade por seu conhecimento ancestral e sua sabedoria profunda sobre o manguezal.

Curiosa, Vitória perguntou sobre a ligação do mangue com a espiral.

O sábio, encantado pelo interesse, começou a contar sobre o grande mistério protegido pela comunidade: *"há muitos anos, o mangue era uma terra estéril e sem vida. Porém, uma semente especial, enviada pelos deuses, caiu do céu. Ela guardava o segredo da vida... a semente se instalou no solo lamacento e se enraizou"*.

Vitória curiosa e ansiosa, apressou o ancião: *"e o que aconteceu? e depois disso?"*.

O ancião, rindo, continuou: *"dê tempo ao tempo, Vitória. Olhe e sinta o ambiente a sua volta"*.

Após um período, ele continuou: *"com o tempo, a semente se transformou em uma árvore grande e majestosa. E suas raízes cresceram em forma de uma grande espiral, mergulhando na terra e se fixando firmemente para sustentar toda a floresta"*.

O ancião, então, começou a caminhar em direção a árvore mais antiga e protegida daquele manguezal e continuou a história: *"essa árvore aqui, Vitória, é a fonte de vida de todo esse manguezal. E essas espirais que se formam nas suas raízes, simbolizam uma conexão intrínseca entre todos os seus elementos"*.

Vitória, surpreendida pela história e com muitas perguntas, questionou: *"como assim? como ele cria essa conexão?"*.

O velho sábio respondeu: *"as raízes entrelaçadas sustentam a árvore e permitem que ela respire através do solo. Suas espirais representam o ciclo da vida. É, por isso, que o manguezal abriga criaturas marinhas que nascem, crescem e retornam ao mar... é um ciclo infinito"*.

Voltando para sua casa, Vitória percebeu que a espiral, na verdade, não era apenas um símbolo físico no manguezal, mas também uma metáfora poderosa para a existência humana. Assim, ela se permitiu crescer, aprender e se conectar com o mundo ao seu redor.

Vitória encontrou na natureza uma lição profunda sobre o fluxo da vida e a interconexão de todas as coisas.



alguém manda aqui?

Um manguezal antigo e esplêndido, localizado na Ilha do Cardoso, espalhava suas teias entrelaçadas a ponto de criar um labirinto natural de vida e mistério. Próximo a este manguezal, um sábio pescador chamado Mário vivia há décadas, encontrando sua sustentação nas águas abundantes e salobras do manguezal.

Certo dia, um jovem político chamado Renan chegou à região, buscando soluções e aprendizados. Ele estava desgastado das limitações e injustiças que o sistema político convencional se portava e buscava um novo caminho para a sociedade. Renan tomou conhecimento da figura de Mário e decidiu procurá-lo para buscar um pouco de sabedoria sobre o tema.

Ele encontrou Mário em sua modesta casa, situada próxima ao manguezal. O sábio pescador recepcionou o jovem com um sorriso caloroso e o convidou a se sentar. Em uma conversa rica e tranquila, Renan compartilhou uma série de frustrações com as estruturas governamentais e sua procura por uma sociedade mais justa e igualitária.

Mário, com seu conhecimento ancestral e olhos perspicazes, olhou para Renan e disse: *"você já reparou na harmonia deste manguezal? Aqui, não existe um líder supremo que dita as regras para todos os outros elementos e criaturas. Cada ser vive em uma simbiose com os demais, cooperando e encontrando seu lugar na complexa teia da vida"*.

Curioso com a metáfora do manguezal, Renan questionou como isso pode ser um aprendizado para a sociedade humana. Mário, então, explicou: *"um sistema sem uma autoridade suprema não é sinônimo de caos, mas sim uma maneira de organização em que as pessoas se auto gerenciam de forma livre e responsável. Ou seja, todos se relacionam de forma harmônica e reconhecem seu papel"*.

Ele continuou: *"no manguezal, as árvores se entrelaçam e criam um bioma resiliente e equilibrado. Todos entendem seu papel. Todos sabem que a maré vai subir, que o caranguejo vive na lama e que cada um tem uma função fundamental para que o mangue se mantenha e sustente inúmeras vidas. Assim, uma sociedade sem um líder supremo busca a solidariedade e a cooperação entre os indivíduos. Cada um tem sua voz e sua autonomia"*.

Renan, então, passou a entender a mensagem do sábio ancião... a verdadeira mudança não pode ser imposta de cima para baixo, mas deve ser cultivada a partir das raízes, permitindo que as ideias, os pontos de vistas, e as ações surjam organicamente e com a participação de todos.

Assim, Renan passou a defender uma sociedade baseada na liberdade, na igualdade, na harmonia, na cooperação e, acima de tudo, na participação, onde cada indivíduo é escutado e levado em consideração.

O manguezal, portanto, passou a ser um símbolo poderoso para um mundo melhor, entendendo a conexão intrínseca entre a natureza e a sociedade humana, assim como a potência da escuta ativa e sensível com/para a sociedade.



o terceiro incluído

Em uma sala de aula localizada em São Paulo, um grupo de jovens estava assistindo atentamente uma aula na qual a Professora Fernanda explicava sobre uma nova lógica - aquela que nenhum dos jovens já haviam ouvido.

Acostumados com a lógica binária e aristotélica, do A=A, tudo diferente de A não é A e de que A jamais será B, os alunos ficavam perplexos com a nova perspectiva que a professora trazia: a lógica do terceiro incluído.

A teoria diz o seguinte: A e não A podem conviver no mesmo corpo. A gente não deixa de ser o que já foi e podemos ser o que não somos.

A partir da nova reflexão trazida pela professora, Laura, uma das alunas, pensou: o manguezal é o exemplo perfeito da lógica do terceiro incluído!

Levantou a mão e disse:

"A partir da minha experiência com o manguezal, eu diria que ele é um exemplo de resiliência e contradição para todos nós. Em meio de um ambiente tão instável, com altas variações das condições de vida ele se mantém firme e gera a vida. Ele é base na instabilidade, ele é beleza na lama, ele é rico na não diversidade, ele é nutritivo na fome, ele é sal no doce e doce no sal. Ele é vento, água e terra, ele é expulsão e punição na preservação, ele é proteção na imensidão e ele é vida na destruição. Por isso, eu acredito que o manguezal pode ser servido como exemplo na lógica do terceiro incluído na medida em que é "A" e "não A" ao mesmo tempo."

A turma, que vivenciara o manguezal de perto algumas vezes, concordou. E uma nova discussão se iniciou: *"e nós? Que contradição mora em nós?"*

Então, depois de muitos refletirem, Carolina, levanta a mão e afirma: *"nós somos masculino e feminino, nós somos razão e emoção, nós somos mãe, esposa, irmã, filha, vó e tia. Nós somos maduras e inocentes, serenos e raivosos, esquerda e direita. Nós somos produtivos ociosos, sonhadores pés no chão. Nós ouvimos e não escutamos. Nós olhamos e não enxergamos. Somos humildes gananciosos, gulosos de dieta, cansados ligados nos 220. Nós queremos o que não temos e o que temos não queremos. Nós somos de tudo um pouco e no fim, não somos nada."*

Após essa conversa potente, os alunos voltaram para suas casas e perceberam que o manguezal é tudo que é e representa porque ele é representante dessas contradições. É um caos ordenado e perfeitamente harmônico que gera vidas. E essas contradições se tornam fortalezas para o ecossistema.

Assim como nós... somos humanos e nos organizamos socialmente a partir das nossas contradições e vivências. A gente não deixa de ser o que já fomos e podemos ser o que não somos também. Ser humano é complexo e imprevisível, mas é isso que nos torna humanos.



o altruísta

Em uma saída de campo, alunos de biologia tiveram a oportunidade de viver e imergir no manguezal. Rodrigo, um desses alunos, sempre foi um menino muito curioso, sempre investigando o mundo, investigando os seres e fazendo suas próprias reflexões sobre o que ou quem encontrava.

Como um bom estudante de biologia, se interessou pelo estudo sobre manguezais.

Afinal, é necessário entender mais sobre o berçário do oceano que sustenta as vidas do planeta.

Em uma das suas jornadas para conhecer mais sobre esse ambiente, Rodrigo se deparou com uma forte indagação: *"como que, ao redor de todo o globo, locais de fatores biológicos, químicos, bioquímicos, geológicos tão diversos, têm exclusivamente as mesmas três espécies de árvores? Isso me gera muita confusão..."*

O professor que acompanhava o grupo, frente ao questionamento de Rodrigo, fez um pedido: *"eu não vou responder isso agora, vou pedir para que após a nossa visita e a conversa com os moradores locais, você me responda"*.

Rodrigo ainda confuso, mas animado com o desafio, passou a perceber mais atentamente o mangue. Na conversa com os moradores locais da região do mangue, ele ouviu sobre a importância desse ecossistema para a região e para o sustento da vida deles.

Diante de tantas reflexões, ainda incomodado, Rodrigo faz a mesma indagação para os moradores locais: *"como o manguezal possui tão pouca diversidade, mesmo em um ambiente tão rico?"*

Uma das moradores, reflexivo com a pergunta, quis instigar um pouco mais o pensamento do aluno: *"de onde vem esse questionamento? o que entende sobre essa pouca diversidade?"*

Então, Rodrigo explicou *"O esperado seria uma elevada taxa de especiação, e que tivesse uma espécie adaptada para cada grau de salinidade, temperatura, nutrientes, biota, etc. Também não entendo como existem claras e óbvias, até mesmo didáticas, fronteiras entre restinga ou mata atlântica e mangue. Eu esperaria encontrar uma transição muito mais gradual, lotadas de espécies intermediárias, em uma explosão de biodiversidade..."*

A mesma moradora, então exclamou apenas uma frase: *"talvez ele seja apenas altruísta... apenas não se engane, ele é um grande anfitrião da vida"*.

Rodrigo não questionou mais, mas ficou com esse questionamento durante os dias restantes de estudos ao manguezal: *"como assim altruísta? como assim altruísta."*

Depois de dias estudando e refletindo sobre sua própria angústia, Rodrigo compreendeu que o que lhe afligia: *"então, me parece ser que o mangue abre mão da sua própria diversidade para sustentar as outras. Em um gesto de altruísmo, ele entrega tudo que ajuda a construir, para fora do seu sistema."*

Assim, o manguezal se transforma em uma imagem poderosa de generosidade e renúncia. Nessa imagem, a árvore do mangue é tão potente e resistente a qualquer intempérie, que ela ganha para si a função do cuidado e do afeto. É, assim, que a sustentação das vidas acontece no manguezal.



a pulsação

A trama da vida é a trama do mangue, entre raízes fixas e aéreas, entre possibilidades de expansão e retração e em idas e vindas os dias se dão.

Os pescadores se encontram dia a dia, nos desafios, no trabalho, na lua e no sol. No mangue urbano, o pescador se encontra com o raiar do dia e retorna ao lar no escurecer da noite. No mangue natureza o pescador é guiado pela lua, em silêncio e entre as tramas da vida, a alegria se dá.

O mangue natureza tem raízes fortes e que se entrelaçam. O mangue urbano aparenta não ter raízes, ou algumas bem frágeis, passageiras. Não crescem alto, e se crescem parecem morrer rápido.

O tempo do pescador do mangue urbano é o *chronos*, do mangue natureza - *kairós*. Os dias nublados do mangue urbano são regados a trânsito, trabalho, pressões sociais, compromissos e prazos. No mangue natureza, os dias nublados também são felizes. A felicidade no mangue natureza é maré baixa, é encontro, solidão e aproximação.

Se houver reprodução de espécies no mangue natureza, o pescador irá defendê-las. A pesca se cessa para escutar a natureza, porque a natureza não perdoa. Isso é o defeso. O defeso da natureza e do homem.

Não parece haver dias nublados no mangue natureza. Todo dia é sol, mas nem sempre o Sol vem. O sol também vem para o pescador urbano, no abraço, na ligação inesperada de quem se ama, na colher da sobremesa favorita. O pescador urbano vivencia esses momentos pensando no próximo que está por vir. Na natureza, o instante parece ser eterno.

Alegria do mangue natureza é contínua, no mangue urbano é dosada, medida. O pescador é o mesmo, homem, humano. O mangue se constrói, no humor, na ação, no sentir.

O defeso é uma lição ao homem urbano. Traz consigo a compreensão de que a vida para se manter e se reproduzir precisa de tempo, e que ignorar os ciclos da natureza trará prejuízos em todas as partes.

E, assim, entre dias nublados e ensolarados a certeza é uma: não há solo que não mude, sempre há uma nova chance. Para o pescador ou para os seus dias.



rotina e não rotina

Nossa vida é constituída por dois extremos: a rotina e a não rotina. A rotina é aquela que raramente muda, talvez uma coisinha aqui ou ali, mas as atividades que exercemos são as mesmas. Ela consiste em um modelo de produção, em que tudo é feito "sem pensar". Sem pensar no sentido de não viver efetivamente aquilo, e sim só fazer por fazer. A não rotina é aquela que requer consciência. Você acorda e faz o que te der vontade, não pensa em obrigações, não faz nada por fazer.

Nós, ou pelo menos uma parte de nós, vive no meio desses dois extremos. Se vivêssemos uma rotina todo dia, sem exceção, seríamos infelizes. Seríamos infelizes pelo simples fato de que estaríamos constantemente preocupados, sentindo a necessidade de cumprir (o famoso "dar check") os itens da nossa listinha diária. Entretanto, se vivêssemos a não rotina todos os dias, chegamos a conclusão que isso também resultaria na infelicidade. Isso porque, quando não produzimos, sentimos que algo está faltando, o tempo não passa e você se sente quase que inútil, se me permitirem dizer assim.

Dito isso, e tentando encontrar um equilíbrio da rotina e da não rotina, para assim tentar encontrar a felicidade, fomos convidados a realizar uma viagem para os manguezais.

Ao sair da cidade e do barulho frenético das buzinas, dos palavrões no trânsito, da correria do dia a dia para chegar de um lugar para o outro a tempo, ... em meio a tudo isso, adentramos na natureza. O manguezal, uma das naturezas mais bonitas que já vimos, e que até então mal sabíamos o que efetivamente significava, abriu nossos olhos de certa forma.

José Saramago, filósofo renomado do século x, dissertou: "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara." A frase faz referência a cegueira, a nossa cegueira.

Estamos constantemente vivendo os dias, sem reparar nas coisas que nos rodeiam. Olhamos claro, vemos os carros nas avenidas, as pessoas nas calçadas, até paramos de vez em quando para sentir o sol entrando em nossas peles. Entretanto, são olhares pouco reflexivos. São olhares que não trazem significado. São olhares que não nos sensibilizam.

Ao entrar nos manguezais, nossos olhares mudaram. Não olhávamos mais daquela forma que fazemos nas cidades. Nossos olhares tomaram outro rumo. Agora, estávamos reparando. Reparando em tudo. No cheiro. Na textura. Nas cores. No silêncio. Utilizamos nossos sentidos e os colocamos em prática. Passamos a enxergar além do que estava meramente na nossa "cara".

Após muitas visitas e uma semana imersos na natureza, voltamos a cidade sensibilizados. Percebemos que o que fazíamos não era viver, era sobreviver, e o propósito da vida não é esse.

Sem mais delongas, chegamos a uma conclusão clara. A vida é sobre um equilíbrio da rotina e da não rotina. Não é ruim ter responsabilidade, contanto que seja com moderação. Não é ruim acordar alguns dias seguidos sem ter um A sequer planejado. Contanto que esses dias não virem meses.

A vida é sobre um equilíbrio. Uma harmonia da rotina e da não rotina. E não tem nada melhor do que ter na não rotina a natureza por perto.



conservar ou preservar?

Em um escritório bem longe das terras sagradas do manguezal, uma importante reunião ocorria sobre um projeto de unidade de conservação.

Ariel, responsável pelo projeto, cumprimenta os outros integrantes da equipe: *"boa tarde senhores, podem entrar! Sim, entrem... Maria, traz um cafezinho para o Thiago?"*

Com todos acomodados e prontos para iniciar a reunião, Ariel continua: *"como vocês bem sabem, estamos aqui hoje para finalizar logo o projeto de unidade de conservação. Sim, sim, vai ser Parque Estadual, conforme falamos na quinta"*.

Por conta do barulho alto vindo do lado de fora, Ariel interrompe e vai fechar a janela: *"bom, como eu estava dizendo, vocês bem sabem que o Parque Estadual trará benefícios enormes. Estamos em 2023 pessoal, aquecimento global está aí."*

Antes de continuar, ele interrompe novamente: *"está quente hoje né? Vou ligar o ar condicionado"*. Após isso, ele prossegue: *"e é muito importante que a gente possa proteger os ecossistemas brasileiros. Isso aqui é uma vitória do meio ambiente!"*

Zé interrompe e pergunta sobre o andamento da parceria com a ONG Mangues. Ariel responde: *"sim, Zé, já falei com o pessoal da ONG e eles estão super entusiasmados! Agora, continuando, como eu estava dizendo, com esse projeto, ninguém mais vai poder destruir aquela região de manguezal, vai ser uma maravilha."*

Entretanto, uma das integrantes questiona sobre as comunidades locais e reage: *"ah, e as pessoas que moram ali? São poucas, isso não é problema, a região é enorme, eles não precisam ficar ali."*

A mesma integrante rebate afirmando que as comunidades quilombolas estão presentes na região há mais de 100 anos e que tem naquela terra toda sua identidade. Intrigado, Ariel continua: *"ah sério? Estão lá há esse tempo todo mesmo? Quilombo? Ah, mas aí é com o IPHAN, você não vem trazer mais trabalho para mim, Letícia"*.

Ignorando a discussão levantada por Letícia, ele continua: *"bom, como estava dizendo, eles dão um jeito. Olhem só como a área é legal pessoal, e tudo isso aqui vai ser floresta de mangue em pé. Estava pensando aqui, acho que rola até a gente começar a pensar em uns projetos de carbono, hein? Está na moda agora"*.

Letícia, ainda incomodada, novamente provoca Ariel sobre as comunidades locais. Ele, já sem paciência, responde: *"o que foi Letícia? Acho que você não está pegando a visão... Antes toda essa área poderia ser derrubada, agora não vai mais, estamos protegendo o meio ambiente. Você sabia que o mangue é berçário de várias espécies? Estamos protegendo tantas vidas, caranguejos, peixes e mais tudo que tiver ali. A Fernanda que sabe os nomes dos bichos"*

Ricardo complementa: *"eles vão ter que sair dali, mas paciência, é para um bem maior"*. Ariel toma a palavra e prossegue: *"bom, já que esse tópico surgiu, vamos discutir ele. Quem vai dar a notícia pra comunidade? Infelizmente não vou conseguir na data, mas já sei... Letícia, por que você não vai? Você que está sabendo tudo da comunidade? Perfeito. Agora precisamos passar para outra discussão"*.

A natureza, apesar da ignorância humana, nos pede um olhar cuidadoso, empático, humano e que entenda as peculiaridades do território. Independente do lugar ou da situação, a escuta ativa deve estar presente.



a nossa cartografia parte 1

Em um cenário onde o manguezal sorri, um lar singelo emerge abraçado pelo mistério das águas e pela força das vidas sustentadas. Nesta região, Laura, dona de sonhos e memórias, estabeleceu morada há alguns anos.

Emaranhada na teia interdependente, Laura compreende que sua presença é um elo na cadeia da natureza. O mangue oferece seus frutos, e ela, cheia de gratidão, zela e preserva aquele santuário vivo.

Nesse contexto, ao organizar seu lar, ela descobre uma lembrança afetiva e o motivo que a levou a se mudar para uma região mais próxima aos manguezais: a cartografia afetiva que traz consigo desde os tempos de faculdade. Emocionada, ela decide compartilhar com suas filhas: *"venham cá! Quero lhes mostrar algo"*.

As filhas, cheias de curiosidade, se aproximam da mãe e ficam maravilhadas com o tamanho e os detalhes presentes naquele desenho diante delas. Empolgadas, bombardeiam a mãe com perguntas: *"o que é isso? E isso?"*

Laura, com um sorriso, responde: *"isso é uma cartografia afetiva que retrata como os manguezais sustentam as vidas em nosso planeta. Vou contar uma história"*.

Com todos acomodados e prontos para ouvir, Laura começa: *"há muitos anos, eu e outras 17 pessoas enfrentamos um desafio especial. Tínhamos a missão de criar esse desenho, que contasse a função sustentadora do mangue"*.

As filhas interrompem: *"ah, mãe... isso já sabemos! Você sempre nos ensinou como o manguezal é um berço de vidas, sustentando nossas necessidades, oferecendo um ambiente mais limpo e provendo sustento para as pessoas e animais que ali habitam, certo?"*

Laura, sorrindo, prossegue: *"Sim, é verdade. Porém, naquela época, nós não tínhamos esse conhecimento. Éramos jovens, no meio da cidade de São Paulo, e sentíamos que não tínhamos qualquer conexão com esse ecossistema. Surreal, não?"*

Laura pausa por um momento e reflete sobre a importância que essa jornada de transformação e fascínio pelo manguezal teve em sua vida e na vida de seus amigos: *"isso mudou quando tivemos a oportunidade de vivenciar uma disciplina chamada FIS, que nos conduziu por um longo processo de imersão nos manguezais. Através de aulas e conversas com especialistas, começamos a compreender melhor o mangue e sua essencial função sustentadora"*.

As filhas, atentas à história, perguntam: *"mãe, e o que é esse barco no meio?"* Como resposta, Laura relata sobre sua primeira experiência com o manguezal: *"esse é o barco-escola, lá em Bertioga. Foi lá que aprendi uma frase que sempre repito para vocês... 'No mangue há água, lama, vida e trama'. Foi nessa viagem que descobrimos a importância do manguezal para a humanidade e para todos os seres vivos"*.

Interessada, uma das filhas acrescenta: *"é por isso que há a imagem de uma mulher grávida?"* Laura continua a história: *"sim, começamos a entender o mangue a partir da metáfora da maternidade, que traz consigo cuidado, carinho, afeto e sustentação das vidas"*.

Apontando para os desenhos, ela prossegue: *"com essa mudança de perspectiva, passamos a compreender que o mangue é uma extensão do lar para muitas pessoas, que vivem em profunda conexão com a natureza. Uma das frases que ouvimos foi que a lua é patroa porque ela que dita o ritmo de trabalho deles. Interessante, não é?"*



a nossa cartografia parte 2

Então, Laura fala sobre a empatia que desenvolveram ao conversar com essas pessoas e como o sustento das vidas reside nas coisas mais simples, como a alegria em dias comuns: *"foi a partir desse encontro que uma verdadeira metanóia aconteceu em nós"*.

As filhas, confusas, perguntam: *"meta... o quê?"*

Laura ri e explica: *"metanóia. É uma mudança essencial de pensamento. Passamos a enxergar o manguezal como um verdadeiro sustentáculo de vidas. Sustento que se estende desde sua função como berçário, rico em nutrientes, até suas raízes retorcidas que permitem sua respiração. Ele libera gases benéficos e purifica o que é prejudicial, além de servir como barreira alimentar para os seres que ali habitam. O mangue sustenta e nutre famílias, possibilitando a reprodução dos animais"*.

Ela continua *"esse sustento se expande além dos limites dos manguezais, pois é dele que provém nossa alimentação, permitindo que tenhamos um ambiente mais saudável e rico em ar puro. Além disso, traz consigo a ideia de transformação: transformar o que antes achávamos feio e lodoso em algo belo, transformar a imagem de um caranguejo em algo livre, bonito e vivo"*.

As filhas respondem: *"que legal, mãe! E quem são essas pessoas aqui?"*

A mãe responde: *"são quatro pessoas que tiveram um papel crucial em nossa jornada, ensinando-nos muito sobre o manguezal, a vida e o sustento que mencionei. Esse aqui é o Hernandez, um pescador de Peruíbe. Essa é a Alessandra, moradora e guia de Peruíbe. Já esse aqui é Chico Mandira do Quilombo do Mandira e esse é o Ronaldo, o professor que nos acompanhou e auxiliou nessa trajetória"*.

Laura suspirou e continuou: *"essas pessoas, juntamente com os animais retratados atrás delas, representam a importância vital do sustento das vidas que compartilhei com vocês. Mas tiveram muitas outras pessoas que tiveram esse papel representativo também... a Adriana, o Maurecir, a Chris, o Jonas, o Vicente, Ana, Luis e muitos outros"*.

Por fim, as filhas perguntam: *"mãe, e esse mundo aqui no centro?"*

Laura responde: *"é tudo o que o mangue nos levou a compreender: a sustentação das vidas. O mangue é o anfitrião da vida, um ninho e o berçário do planeta"*.

Depois de um longo suspiro e uma admiração por todo o trabalho que foi feito, Laura termina: *"vocês percebem o afeto nessa cartografia, meninas? Percebem como, à medida que nos aprofundamos nessa espiral, conseguimos sentir mais afeto? É a força transformadora do afeto, capaz de gerar sentimentos profundos"*.

E como o afeto levou a Laura a lugares intensos, sensíveis e especiais que foram capazes de gerar um sentimento de cuidado e preservação desse ecossistema tão fundamental. A perda desse afeto pode levar para o caminho contrário. Por isso, Laura tenta sempre manter e reviver essa experiência que a atravessou de maneira profunda.

Assim, Laura celebra a sinfonia do manguezal, que dança em harmonia com os segredos revelados pelas marés. E nesse eco de vida, encontra-se não apenas o sustento das vidas no planeta, mas também a essência de sua própria existência e felicidade.



Realização



Apoio técnico



2021
2030 Década das Nações Unidas
da Ciência Oceânica para
o Desenvolvimento Sustentável

Apoio



ariel levi
bruna novaes
camilla myrrha
carolina kipnis
diogo ascariz
helena machado
josé oliveira
letícia fagundes
laura andrade

luiza lutfalla
maria clara secall
mariana buainain
nicole sanseverino
nicholas santim
renan kenji
rodrigo crescenzo
thiago cleto
vitória beccato